

Prefácio

A expressão “aprender a aprender” tem aparecido cada vez mais no discurso pedagógico. Por vezes, fala-se também em “aptidão para o pensamento crítico” e “aptidões metacognitivas”, expressões que aparecem elencadas por E. D. Hirsch, Jr., professor na Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, no seu livro *The schools we need and why we don't have them* (Anchor Books/Doubleday, 1999). Pretende-se transmitir a ideia de que os conteúdos da aprendizagem não são tão relevantes como o próprio processo de aprendizagem, manifestando-se antipatia pela excessiva transmissão de conteúdos. Ainda conforme Hirsch, diz-se também que “os factos não contam tanto como a compreensão”, “os factos ficam desatualizados” e “menos é mais”. Estas expressões são decerto familiares a quem frequentou cursos de educação ou simplesmente certas disciplinas de educação noutros cursos.

Fazem sentido? Apesar de algumas poderem fazer algum sentido, costumam aparecer emaranhadas umas com as outras, num discurso confuso, que pode seduzir quem as lê ou quem as ouve. O dito “aprender a aprender”, por vezes, não passa de um jogo de palavras que inebria quem as profere e que pretende inebriar quem as ouve. Usa-se também neste contexto o provérbio, de origem chinesa, “mais vale ensinar a pescar do que dar um peixe”. Percebe-se o que quer dizer, mas há um perigo óbvio: pensar-se que ao pescador interessaria mais o instrumento – a cana de pesca – do que propriamente o objeto – o peixe. Ora, um pescador que nada pesque dificilmente pode merecer esse nome. E, além do mais, poderia morrer à fome. De facto, quem se inebria com a expressão “aprender a aprender” parte de um erro: que se pode separar o conhecimento

factual da atitude para o adquirir. Como se podem transmitir atitudes em abstrato sem objetos que as exijam e sobre os quais elas atuem?

Os modernos avanços das ciências da educação, aliados aos da psicologia experimental, têm lançado luz sobre as questões das atitudes e dos conteúdos. Hoje reconhece-se, em particular, que a memória se pode e deve treinar, mas isso não pode ser feito, evidentemente, sem haver algo que se memorize. Era um claro exagero o ensino básico tradicional baseado na mera memorização de nomes de reis e de rios. Mas é exagero maior pensar que se pode obter essa capacidade de memorizar sem ter adquirido um conjunto de informações que ficam residentes no cérebro prontas a ser usadas.

Neste livro, a Fundação Francisco Manuel dos Santos prossegue o seu programa de educação, procurando iluminar aspetos da psicologia, das ciências da educação e da prática educativa. Lynne M. Reder, John R. Anderson e Herbert A. Simon, da Universidade de Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, dão-nos a sua visão sobre a psicologia cognitiva na educação; Paula Carneiro, da Universidade de Lisboa, fala-nos sobre a promoção de aprendizagem através de testes e Pedro B. Albuquerque, da Universidade do Minho, esclarece-nos sobre o papel da memória na educação. A todos eles são devidos agradecimentos pela excelente colaboração, assim como a Nuno Crato, que, com a ajuda de Mónica Vieira, numa fase inicial, preparou tanto o livro como o encontro que lhe está associado.

CARLOS FIOLHAIS

Coordenador dos Programas de Educação e
Ciência da Fundação Francisco Manuel dos Santos